

VOL I

ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE MÚSICA



Javier Albornoz
(Organizador)

VOL I

ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE MÚSICA



Javier Albornoz
(Organizador)

2020 by Editora Artemis
Copyright © Editora Artemis
Copyright do Texto © 2020 Os autores
Copyright da Edição © 2020 Editora Artemis
Edição de Arte: Bruna Bejarano
Diagramação: Helber Pagani de Souza
Revisão: Os autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*.
Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Editora Chefe:

Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Editora Executiva:

Viviane Carvalho Mocellin

Organizador:

Javier Albornoz

Bibliotecário:

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco

Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, University of Miami and Miami Dade College - USA

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros

Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín - Colômbia

Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Lívia do Carmo, Universidade Federal de Goiás

Prof.^a Dr.^a Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.^a Dr.^a Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.^a Dr.^a Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.^a Dr.^a Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca - Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E79 Estudos Latino-Americanos sobre Música: vol I [recurso eletrônico] /
Organizador Javier Albornoz. – Curitiba, PR: Artemis, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilingue

ISBN 978-65-87396-14-9

DOI: 10.37572/EdArt_149100920

1. Música – América Latina – História e crítica. 2. Música e
sociedade. 3. Musicologia. I. Albornoz, Javier.

CDD 780.72

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

APRESENTAÇÃO

The E-book “Estudos Latino-Americanos sobre Música” compiles top-notch research in a rich collection of works that contribute to the study of music from a multicultural approach.

The book focuses on a plurality of themes anchored in academic findings by Latin-American scholars, presented in a didactic and concise language that is accessible to both professors and students.

This series of articles presents the reader with knowledgeable insight that connects music and the modern world through varied methods and perspectives. The articles are organized into two volumes, integrating theory and practice, and encompassing a wide range of topics without losing sight of specificity.

Volume I focuses on the impact of music on society and includes studies on the complex history of music throughout Latin America and beyond, as well as the fascinating genre of electroacoustic music.

Volume II provides thought-provoking studies that focus on the performance of music and the various techniques involved in its creation, along with new ideas in the fields of music education and music therapy.

As a composer and educator, it is always at the forefront of my goals to promote the arts and the study and development of music. It is with great pleasure that I accepted the invitation to organize this book, a composite of works written by my esteemed colleagues.

I hope the reader enjoys its content as much as I did!

O E-book “**Estudos Latino-Americanos sobre Música**” reúne pesquisas de ponta em um rico acervo de obras que contribuem para o estudo da música a partir de uma abordagem multicultural. O livro enfoca uma pluralidade de temas ancorados em descobertas acadêmicas de estudiosos latino-americanos, apresentados em uma linguagem didática e concisa que é acessível a professores e alunos.

Esta série de artigos apresenta ao leitor uma visão bem informada que conecta a música e o mundo moderno por meio de métodos e perspectivas variadas. Os artigos estão organizados em dois volumes, integrando teoria e prática, abrangendo uma ampla gama de tópicos, sem perder de vista a especificidade.

O Volume I enfoca o impacto da música na sociedade e inclui estudos sobre a complexa história da música na América Latina, bem como o fascinante gênero da música eletroacústica.

O Volume II contém estudos instigantes focados na performance e nas várias técnicas envolvidas em sua criação, juntamente com novas idéias nos campos da educação musical e da musicoterapia.

Como compositor e educador, é sempre minha prioridade promover as artes e o estudo e desenvolvimento da música. É com grande satisfação que aceitei o convite para organizar este livro, um conjunto de obras escritas pelos meus estimados colegas.

Espero que o leitor goste de seu conteúdo tanto quanto eu!

Javier Antonio Albornoz

SUMÁRIO

MÚSICA ELETROACÚSTICA

CAPÍTULO 1 1

REVOLT AND AMBIVALENCE: MUSIC, TORTURE AND ABSURDITY IN THE DIGITAL ORATORIO THE REFRIGERATOR

[Paulo C. Chagas](#)

DOI 10.37572/EdArt_1491009201

CAPÍTULO 2 20

AUDIO VOX: CATÁLOGO E GUIA DE ESCUTA DA MÚSICA ELETROVOCAL BRASILEIRA DE 1988 A 2018

[Doriana Mendes](#)

DOI 10.37572/EdArt_1491009202

MÚSICA E SOCIEDADE

CAPÍTULO 3 29

À FLOR DA PELE: PULSAÇÕES DO DESEJO FEMININO NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA DOS ANOS 1970'

[Adalberto Paranhos](#)

DOI 10.37572/EdArt_1491009203

CAPÍTULO 4 46

“FAZER DAS PEDRAS QUE ATIRAM EM MIM O MEU CASTELO” – UMA ATITUDE MUSICAL DE FERNANDA AOKI NAVARRO AO MACHISMO DOMINANTE.

[Tânia Mello Neiva](#)

DOI 10.37572/EdArt_1491009204

CAPÍTULO 5 54

SMARTPHONES E ESCUTA MUSICAL: COMPANHIA QUE CONDUZ À SOLIDÃO

[Otávio Luis Silva Santos](#)

DOI 10.37572/EdArt_1491009205

CAPÍTULO 6 62

ALGAZARRA ENTRE AMIGOS

[Cleida Lourenço da Silva](#)

DOI 10.37572/EdArt_1491009206

MUSICOLOGIA

CAPÍTULO 7 69

ALMEIDA PRADO: UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE DE TEXTURA E TIMBRE EM TRABALHOS NA UNICAMP

[Maria Lúcia Pascoal](#)

DOI 10.37572/EdArt_1491009207

CAPÍTULO 8	78
CONSIDERAÇÕES SOBRE GOSTO EM A ARTE DO ACOMPANHAMENTO (1756/7), DE FRANCESCO GEMINIANI (1687 – 1762)	
Marcus Held	
DOI 10.37572/EdArt_1491009208	
CAPÍTULO 9	88
A TRAJETÓRIA DA VIOLA E SEU REPERTÓRIO NA RELAÇÃO COM A VOZ ATÉ O PERÍODO CLÁSSICO	
Cindy Folly Faria	
DOI 10.37572/EdArt_1491009209	
CAPÍTULO 10	95
O JAZZ TRANSATLÂNTICO NA AMÉRICA LATINA NA DÉCADA DE 1920: TRAJETÓRIAS E MÚSICOS PIONEIROS NO ATLÂNTICO SUL	
Marília Giller	
DOI 10.37572/EdArt_14910092010	
 ETNOMUSICOLOGIA	
CAPÍTULO 11	109
ARQUEOLOGÍA DEL CHUCU-CHUCU. TENSIONES DISCURSIVAS Y ESTÉTICA MENOR EN TORNO A LA CUMBIA URBANA EN COLOMBIA.	
Juan Diego Parra Valencia	
DOI 10.37572/EdArt_14910092011	
CAPÍTULO 12	122
A MÚSICA EM CAXIAS: UM PROLÍFICO CENTRO MUSICAL NO SERTÃO MARANHENSE	
Daniel Lemos Cerqueira	
DOI 10.37572/EdArt_14910092012	
CAPÍTULO 13	140
O RITMO ALÉM DA REGRA: O CONCEITO DE TIME LINE E RÍTMICA ADITIVA EM GRAMANI	
Bianca Thomaz Ribeiro	
Luiz Henrique Fiaminghi	
DOI 10.37572/EdArt_14910092013	
CAPÍTULO 14	151
ILÉ ÀSÉ ÌYÁ OGUNTÉ: A LITURGIA DO XIRÊ DE IEMANJÁ	
Jefferson José Oliveira Chagas de Souza	
Natália Fernandes da Paixão	
DOI 10.37572/EdArt_14910092014	
CAPÍTULO 15	160
BANDA DE MÚSICA E IDENTIDADE CULTURAL	
Fernando Vieira da Cruz	
DOI 10.37572/EdArt_14910092015	
SOBRE O ORGANIZADOR	172
ÍNDICE REMISSIVO	173

SMARTPHONES E ESCUTA MUSICAL: COMPANHIA QUE CONDUZ À SOLIDÃO

Data de submissão: 10/07/2020

Data de aceite: 24/08/2020

Otávio Luis Silva Santos

Doutor em Música pela
Universidade Estadual de Campinas
Campinas – SP

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2628043040497588>

RESUMO: A prática da escuta vem se transformando com o passar dos séculos. A popularização das mídias portáteis presentes no século XXI - aqui representadas pelos *smartphones* - não só categorizam uma inédita forma de apreciação musical, mediada tecnologicamente, mas proporcionam também a experiência da individualização a partir da utilização dos fones de ouvido. A interação com o ambiente externo torna-se, sob tais condições, passível de ser alterada em diferentes graus, variando desde a simples experiência do lazer a condições patológicas de isolamento. Este fenômeno proporciona reflexões acerca da possibilidade do distanciamento social e solidão serem decorrentes da massiva utilização dos aparatos móveis de escuta pelos ouvintes contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia. Escuta. Smartphones. Mídias portáteis. Solidão.

SMARTPHONES AND MUSICAL LISTENING: COMPANION THAT LEADS TO SOLITUDE

ABSTRACT: Listening practice have been changing throughout the centuries. The popularity of portable media during the 21st century – represented in this paper by smartphones – not only establish a new form of musical appreciation technologically mediated, but also provides the experience of individualization from the moment headphones are worn. Under such circumstances, the interaction with external environment becomes subject to changes in various levels that may vary from a simple entertaining experience to pathological conditions of isolation. This phenomenon brings into focus reflections on the possibilities of social withdrawal and loneliness as consequences of the massive use of mobile listening devices by contemporary listeners.

KEYWORDS: Technology. Listening. Smartphones. Portable Media. Loneliness.

1 . A PRÁTICA DA ESCUTA

Natural aos seres humanos, a escuta apresenta-se como uma prática exercitada desde o ventre materno. A maneira de se escutar - ou um modo de escuta - entretanto, parece ser

fruto de uma prática adquirida, cujas raízes provêm de variados contextos, tal qual a sociedade em que se vive, a classe social a que se pertence, o contexto cultural a que se está exposto e as tecnologias de reprodução sonora disponíveis ao ouvinte.

Quando se tratando da escuta musical, prioriza-se a compreensão de que tal prática engloba não um único sentido, mas é uma atitude multissensorial, uma vez que “(...) não há escuta sem visão, sem tato, sem olfato... também se ouve com o corpo, com os olhos, e mais, com as lembranças, com as sensações” (IAZZETTA, 2009: 37). Assim, quaisquer alterações nos modos de se ouvir refletem não somente em aspectos referentes ao sentido auditivo, mas diretamente em mudanças nas mais diferentes camadas do indivíduo como um todo, incluindo seu processo cognitivo e comportamental.

Os modos de escuta são maleáveis e se transformam conforme o desenvolvimento de uma sociedade. Anteriormente à Revolução Industrial a escuta musical era diretamente vinculada à presença física do intérprete, constituindo um modo de escuta dominante por muitos séculos. A partir do início do século XX a emergência dos aparelhos de reprodução sonora impactou os hábitos vigentes, inicialmente possibilitando a escuta de maneira desvinculada da presença do artista ¹ e, em um segundo momento – especialmente através do *Walkman* no início da década de 1980 - permitindo uma escuta móvel, o que no século XXI vigora como prática dominante nas metrópoles por meio das mídias portáteis, aqui representadas pelos *smartphones*, proporcionando a emergência de um modo de se ouvir radicalmente diferente do presente nos séculos anteriores. Como um desdobramento, diversas abordagens teóricas vieram à tona ao longo do século XX na tentativa de categorizar tais modos de escuta.

Para o sociólogo alemão Theodor Adorno ([1973] 2011), a ênfase em uma escuta concentrada e racional proporcionaria uma escuta mais qualificada, ou seja, tira maior proveito da escuta aquele que é capaz de perceber os mínimos detalhes da obra escutada, e que não deixa passar sequer uma nota sem compreendê-la no contexto melódico, harmônico e formal da peça, o que denomina *escuta estrutural* (2011: 60-61).

Todavia, o modelo de escuta *adorniano* foi posto em cheque por diversos autores, entre eles Rose Subotnik (1988), Peter Szendy (2008) e Barry Truax (2001).

Enquanto Subotnik se concentra em desconstruir o pensamento adorniano apontando lacunas em seu discurso amparadas em vias musicais e culturais, Szendy e Truax questionam a rigidez da escuta estrutural e seu possível efeito na perda da espontaneidade da própria escuta, defendendo então a chamada *escuta distraída*. Truax (2001) aponta a diferença entre uma escuta *analítica* e uma escuta *distraída*. Durante a primeira se vasculha o som minuciosamente em busca de informações,

1 De maneira pioneira com o fonógrafo, em 1877.

enquanto que na segunda o ouvinte está engajado em outra atividade não-musical que demanda sua atenção, não sendo possível uma escuta tão detalhada como a estrutural. (2001: 163).

O musicólogo Ola Stockfelt (2004), por sua vez, parecendo não se preocupar com a eleição da maneira mais apropriada de se ouvir, propõe que a mesma obra escutada em diferentes contextos causa diferentes resultados no receptor, ou seja, a mesma sinfonia que acalma determinado ouvinte antes de dormir pode irritá-lo durante o trânsito, preservando esse fator variante a cada escuta.

2 . AS METRÓPOLES E SEUS ESPAÇOS DE INDIVIDUALIZAÇÃO

A sociedade urbana do século XXI coexiste com inúmeros estímulos visuais, sonoros e sensoriais. Georg Simmel ([1903]1950) foi um dos primeiros sociólogos a discutir a importância da individualidade nas grandes cidades. Simmel debate sobre a necessidade do cidadão metropolitano em criar uma “bolha de individualidade”, a fim de se preservar do fluxo constante das mudanças que o acomete. Afirma o autor:

Os problemas mais profundos da vida moderna derivam da demanda do indivíduo de preservar a autonomia e a individualidade de sua existência face às avassaladoras forças sociais, de herança histórica, das culturas externas e dos modos de vida. (1950: 409).

Para o autor, em uma sociedade racional em que o intelectualismo e a matéria são o foco das atenções, e onde o indivíduo passa a agir “[...] com sua cabeça ao invés do coração” (1950: 410), pouca consideração se dá ao lado emocional dos habitantes.

Como meio de defesa a esse bombardeio de estímulos, procura-se então limitar ao máximo a quantidade de relações interpessoais. E essa iniciativa já aponta diretamente para uma das consequências da escuta móvel: a *individualização*.

Para uma melhor compreensão do tema, pensemos no processo de individualização a partir de duas perspectivas: a da experiência pessoal (ponto de vista do usuário das mídias portáteis e dos fones de ouvido) e a da experiência compartilhada (interação estabelecida por ele para com o ambiente externo).

O psicólogo Rainer Schönhammer (1989), assumindo inicialmente o papel de agente externo, relata que seu impulso primeiro ao avistar um sujeito na rua com fones de ouvido era o de uma repulsa quase involuntária. O autor propõe que esse estranhamento se daria pelo fato do indivíduo estar isolado. Ele não é *diferente*, mas se encontra *isolado*. É esse isolamento que o transformaria em um estranho e comprometeria a relação entre os dois.

Para Schönhammer, o portador dos fones de ouvido habita em um mundo sonoro privado ao qual não temos acesso e tampouco podemos compartilhar, e esse pode ser justamente um dos fatores responsáveis pelo referido incômodo:

Isso parece interromper uma forma de contato entre pessoas 'normais' que compartilham uma experiência mútua, mesmo se nela não há comunicação explícita alguma. As pessoas com fones de ouvido parecem violar uma lei não escrita de reciprocidade interpessoal: a segurança da presença consensual comum em situações compartilhadas. (1989: 130)

O estar excluído do universo alheio parece incomodar, pois uma prática humana tradicional – a da partilha – é violada. O mesmo se daria quando um sujeito a olhos nus conversa face a face com alguém que utiliza óculos escuros, gerando um desequilíbrio entre o olhar e ser olhado, e possivelmente um incômodo para uma das partes. Esta ideia é corroborada pelo musicólogo Shuhei Hosokawa (1984) quando este afirma que

O que surpreendeu as pessoas quando viram o Walkman pela primeira vez em suas cidades foi o fato evidente de que se podia perceber que o ouvinte estava escutando alguma coisa, mas não se sabia o quê. Alguma coisa havia ali, mas escondida: era um segredo. (1984: 177)

Schönhammer, ao discorrer sobre a contrariação da suposta lógica de reciprocidade social, conclui:

Não é absolutamente verdade que ouvir um Walkman em um volume alto não incomoda os demais. Pelo contrário, alguns dos entrevistados relataram sentir mais agressividade quando ouviam sons vazando dos fones dos usuários. Eu acredito que essa reação não seja desencadeada pelo mero efeito acústico do som percebido, mas pelo fato de que o que se ouviu foi somente o “resto” do universo sonoro de alguém. (1989: 135)

Prossigamos, então, sob a perspectiva interna da escuta passeante, isto é, sob o ponto de vista de quem está entre os fones de ouvido.

O primeiro fator relevante a ser analisado é a divisão de ambientes gerada a partir do momento que os fones de ouvido são colocados. Haja grande ou pequena interação na relação ouvinte-ambiente, uma separação é ocasionada, e a fruição dos estímulos passa a ser diferente quando as frequências começam a pulsar dentro dos fones. Uma nova experiência multissensorial acontece, e toda a interação passa a ter uma nova perspectiva cognitiva tanto para o ouvinte quanto para os demais à sua volta.

Schönhammer descreve esse fenômeno como um momento em que “[...] a relação objeto-mundo é alterada para o ouvinte, uma vez que o espaço habitado perde sua familiaridade, isto é, de alguma maneira é dividido em duas partes” (1989: 133). O ambiente familiar o qual aquele indivíduo conhece e pertence se torna subitamente estranho quando é separado de sua porção acústica, ocasionando ao ouvinte uma “[...] sensação concomitante de presença e ausência” (1989: 134).

Não é possível afirmar categoricamente o grau de isolamento que o ouvinte se encontra nessas ocasiões, pois muitos fatores influenciam nessa resultante, entre eles o volume da mídia, a vontade do ouvinte em interagir com o ambiente externo, a concentração do ouvinte no material sonoro e o grau de ruídos externos. Alguns

autores, como Eric Adler (1999) e Keith Negus (1992) acreditam ser possível um total isolamento e anulação do meio externo por parte do ouvinte. Outros, como Iain Chambers (1994), Rebecca Lind (1989) e Shing-Ling Chen (1993) advogam por uma escuta privada, que pode ser limitada ou até certo ponto controlada, mas não completamente capaz de aniquilar o ambiente exterior.

Após tal discussão, seria então correto afirmar que as mídias portáteis contribuem para a solidão dos ouvintes?

Simmel (1950) já falava a respeito da necessidade dos habitantes metropolitanos em achar seu próprio espaço em meio ao bombardeio de estímulos urbanos. No entanto, a radicalidade desse “ausentar-se” pode também ser causa de problemas, ao passo que o indivíduo corre o risco de fechar-se em seu próprio universo, restringindo suas relações interpessoais a um patamar próximo, quando não atingido, do patológico.

Robert Crane (2005), pesquisador da psicologia, desenvolveu um projeto relacionando a utilização de aparatos portáteis de escuta musical com o chamado distanciamento social ² e solidão. A pesquisa consistiu em reunir um grupo de jovens estudantes em idade universitária e pedir para que cada um monitorasse por um período determinado a quantidade de horas por dia (e posteriormente por semana) que gastavam escutando sua mídia portátil. A constatação foi a de que o isolamento social se mostrou significativamente maior em usuários mais assíduos de tais mídias do que em usuários moderados ou que pouco se utilizavam dessa tecnologia.

Não somente as relações interpessoais parecem ter sido afetadas pelo advento das mídias portáteis, mas a crescente popularização dos fones de ouvido pode também estar revelando uma maior separação psicológica entre os indivíduos (MOEBIUS; ANNEN, 1994). Esses autores, assim como Christine Rosen, que em 2005 já analisava este fenômeno por parte do *iPod*, acreditam em um verdadeiro impacto causado pelos smartphones e demais *gadgets* no processo de individualização:

[...] porque o *iPod* é uma tecnologia portátil, assim como o telefone celular, ele tem um impacto no espaço social que nem mesmo o *TiVo* teve. Aquelas pessoas com os fios brancos pendurados no pescoço parecem estar apreciando sua exclusiva trilha sonora, mas também estão praticando a “presença ausente” em espaços públicos, prestando pouca atenção, se alguma, no mundo exatamente ao seu redor. (2005: 66)

O psicoterapeuta Michael Lerner (1986) também discorre sobre a solidão, e as facilidades encontradas pela sociedade em adentrar nesse redemoinho:

[...] nossa sociedade cria um leque de condições nas quais as pessoas estão sempre sendo abandonadas, e nas quais é extremamente difícil se encontrar a força necessária e essencial para manter uma saúde psicológica apropriada. Os seres humanos precisam uns dos outros, e nossa mais profunda essência se dá no relacionamento com o outro. (1986: 176)

2 Termo utilizado pelo próprio autor em sua pesquisa.

Partindo desse pressuposto, podemos inferir que independente do grau de envolvimento com a escuta, a partir do momento em que fones de ouvido são colocados, a interação social já é em algum nível comprometida, variando de acordo com a intensidade do usuário em sua utilização. Entretanto, tal consequência – a solidão - parece não ser exclusiva das mídias portáteis, mas uma resultante mais ampla de uma sociedade seduzida pela cibercultura e seus subprodutos.

O psicólogo Robert Kraut, em 1998, publicou os resultados de uma pesquisa relacionando a utilização da internet no ambiente familiar ao distanciamento social entre seus integrantes. Algumas famílias foram observadas durante dois anos para que houvesse uma comparação entre o antes, o durante e o depois, havendo um aumento gradual da conectividade à internet em suas rotinas. A conclusão demonstrou que inicialmente a internet era utilizada para a comunicação com terceiros, passando gradativamente a comprometer a comunicação entre os membros da família, bem como as atividades externas de engajamento social, que diminuíram, ao passo em que a depressão e a solidão aumentaram (Kraut et al, 1998).

Michael Bull, conceituado professor da área da comunicação midiática, descreve esse fenômeno quando afirma que “[...] não as ruas, mas nossas casas – e cada vez mais nossos quartos – tornaram-se empórios de prazeres visuais e sonoros” (2005: 345). Sonia Livingstone, professora de psicologia social aplicada à comunicação e mídia, também alerta para a forma e a intensidade do consumo de mídia dentro dos lares, observando que os adolescentes tem a cada dia mais apreciado o consumo privado. A autora observa o fenômeno do lar ter se tornado gradativamente o lugar preferido para o consumo de mídias individuais, com crianças gastando a maior parte do tempo em que usufruem de suas mídias sozinhas em seus quartos (LIVINGSTONE, 2002 apud BULL, 2005).

A autora fala ainda sobre a “cultura do quarto”³, aliando esse espaço à privatização da utilização das mídias. Para Livingstone, a segunda metade do século XX foi acometida por mudanças que aumentaram significativamente a importância dos quartos para as crianças e adolescentes, tornando estes locais apropriados para o lazer e autoaprendizado. Entre as mudanças estão as alterações de padrões de interação familiar, redução no tamanho das famílias, emergência de uma cultura jovem e o poder de consumo das crianças e jovens (LIVINGSTONE; BOVILL, 2001).

Outro aspecto observado é o de que os quartos das crianças e jovens europeus englobados nas pesquisas são altamente equipados com tecnologias de mídia. Juntamente com objetos tradicionais, como livros e rádios, essas crianças possuem também televisões, smartphones, computadores e videogames, muitos dos quais

3 *Bedroom culture*, no original. Em artigo intitulado *Bedroom culture and the privatization of media use* Moira Bovill e Sonia Livingstone descrevem de forma detalhada a individualização de crianças e jovens a partir da “cultura do quarto”, apresentando dados empíricos que revelam o apreço desses indivíduos pelos próprios quartos e os aparatos midiáticos que ali usufruem.

interligados entre si ou conectados a outros equipamentos da casa, compondo uma complexa teia de estímulos cognitivos de fluxo variante e quase constante.

Com a intensificação das campanhas publicitárias focada nesse público, os quartos das crianças de classe média alta “[...] tornaram-se tanto um local de recepção de mensagens comerciais quanto um local de amostra e utilização de bens de prazer” (LIVINGSTONE; BOVILL, 2001: 2). Assim, parece existir uma pré-disposição à individualidade na sociedade contemporânea, em que desde a infância os indivíduos são acostumados a estarem sozinhos, a se divertirem sozinhos e a se relacionarem virtualmente, inclusive com os próprios familiares.

É possível concluir, assim, que ao tratar da individualização, situamo-nos diante não de uma projeção, mas de uma realidade, senão uma tendência do século XXI, passível de ser ampliada através das mídias portáteis - ressaltando que essas por si mesmas não apresentam como objetivo principal a geração e propagação de tal fenômeno. Somando-se a essa individualização a natureza transitória dos modismos e valores da sociedade urbana contemporânea, tem-se como resultante um indivíduo que cada vez mais caminha entre lugares e não-lugares ⁴, em “(...) um mundo assim prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero...” (AUGÉ, 1994: 74).

REFERÊNCIAS

ADLER, Eric. **Culture Hasn't Been the Same Since Portable Stereo**. 28 de março de 1999. Disponível em: <<http://www.reporternews.com/1999/features/culture0920.html>>. Acesso em: 13 out. 2019.

ADORNO, Theodor W. (1973). **Introdução à Sociologia da Música: doze preleções teóricas**. Trad. Fernando R. de Moraes Barros. São Paulo: UNESP, 2011.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papyrus, 1994.

BULL, Michael. No Dead Air! The iPod and the Culture of Mobile Listening. **Leisure Studies**, nº 4 vol. 24 (pp. 343-355), 2005. Disponível em: <http://cmap.javeriana.edu.co/servlet/SBReadResourceServlet?rid=1326813529329_104364480_2755>. Acesso em: 14 nov. 2019.

CHAMBERS, Iain. **Migrancy, Culture, Identity**. London: Routledge, 1994.

CHEN, Shing Ling. **The Self, the Community, and the Electronic Media**. Tese (Doutorado em Comunicação), University of Iowa, Iowa, 1993.

CRANE, Robert. **Social distance and loneliness as they relate to headphones used with portable audio technology**. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Humboldt State University, Humboldt, 2005. Disponível em: <<http://humboldt-dspace.calstate.edu/handle/2148/28>>. Acesso em 10 nov. 2018.

4 Termo utilizado por Marc Augé na obra *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*, de 1994. Refere-se a um espaço “que não pode se definir nem como identitário, nem como reacional, nem como histórico” (p. 73). Ou seja, lugares de transitoriedade, como aeroportos, hotéis e mercados, onde o definitivo não encontra espaço.

HOSOKAWA, Shuhei. "The *Walkman* Effect." **Popular Music** 4: Performers & Audiences (pp.165-180), ed. R. Middleton & D. Horn: Cambridge University Press, 1984.

IAZZETTA, Fernando. **Música e mediação tecnológica**. São Paulo: Perspectiva: Coleção Signos: FAPESP, 2009.

LERNER, Michael. **Surplus powerlessness**. Oakland, CA: The Institute for Labor and Mental Health, 1986.

LIND, Rebecca. **You Can Take It With You: Uses and Gratifications of the Personal Stereo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação), University of Minnesota, Minnesota, 1989.

LIVINGSTONE, Sonia.; BOVILL, Moira. **Bedroom culture and the privatization of media use**. London: *LSE Research online*, 2001. Disponível em: <<http://eprints.lse.ac.uk/672/>>. Acesso em 04 set. 2019.

MOEBIUS, Horst.; MICHEL-ANNEN, Barbara. *Colouring the Grey Everyday: the Psychology of the Walkman*. Free Associations, vol. 4 (pp. 570-576), 1994.

NEGUS, Keith. **Producing Pop: Culture and Conflict in the Popular Music Industry**. London: Hodder and Stoughton, 1992.

ROSEN, Christine. The Age of Egocasting. **The New Atlantis**. Washington (pp. 51-72). jun. 2005. Disponível em: <<http://www.thenewatlantis.com/publications/the-age-of-egocasting>>. Acesso em 13 out. 2019.

SCHÖNHAMMER, Rainer. **The Walkman and the Primary World of the Senses. Phenomenology and Pedagogy Journal**. (pp.127-144), Alberta, 1989. Disponível em: <<https://ejournals.library.ualberta.ca/index.php/pandp/article/view/15091/11912>>. Acesso em 05 nov. 2019.

SIMMEL, Georg. The Metropolis and the Mental Life. (1903). In: WOLFF, K. **The Sociology of Georg Simmel**. (pp. 409-424) Trad. Kurt Wolff. Illinois: The Free Press, 1950.

SUBOTNIK, Rose. Toward a deconstruction of structural listening: A critique of Schoenberg, Adorno and Stravinsky. In: NARMOUR, E.; SOLIE, R. (eds.). **Explorations in music, the arts, and ideas: Essays in honor of Leonard B. Meyer**, (pp. 87-122). Stuyvesant, New York: Pendragon Press, 1988.

SZENDY, Peter. **Listen: A History of Our Ears**. Trad. Charlotte Mandell. 3ª ed. Fordham University Press, New York, 2008.

TRUAX, Barry. **Acoustic Communication**. 2ªed., Westport: Ablex Publishing, 2001.

SOBRE O ORGANIZADOR

Having marveled at the music of great film composers, **Javier Albornoz** began to study the clarinet and saxophone as well as experimenting with recording and MIDI technology at nine years of age. He found the enjoyment of creating music so fulfilling that it sparked the desire in him to pursue a career in the music field early on.

Javier has a bachelor's degree from Berklee College of Music and a Master's degree from the University of Miami and has worked in audio post-production for over a decade. He is also a proud member of The Alhambra Orchestra in Coral Gables, serving as assistant principal clarinetist and writing commissioned orchestral works premiered in 2015 and 2016.

In recent years, Javier has contributed dozens of works to a production music library, while also working with several Malaysian animation studios in the production of television pilots that have been featured at the Asian Animation Summit, MIPCOM, and other international conferences and markets.

Also versed in audio post-production and sound design, Javier has taught in the graduate music technology department at the University of Miami's Frost School of Music and works with students in the Animation and Game Development department and composition students at New World School of the Arts and Miami Dade College.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Absurdity 1, 2, 3, 4, 5, 15, 16, 17, 18
Alabê 150, 151, 155, 156
Algazarra Coral 62, 63, 67
Almeida Prado 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76
América Latina 94, 95, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 104, 105, 106
Análise 20, 23, 32, 41, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 134, 145, 149, 150, 152, 157
Audiovisual composition 1, 6

B

Baixo-Contínuo 77, 83
Banda de Música 136, 159, 160, 161, 163, 165, 166, 167, 169, 170
Brasil 22, 24, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 38, 44, 52, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 122, 124, 125, 130, 131, 134, 136, 137, 138, 144, 150, 159, 161, 165, 167, 169, 170
Brasil: anos 1970 29
Bruno Mantovani 46, 47, 49, 53

C

Camus 1, 3, 4, 15, 16, 17, 18, 19
Candomblé 144, 150, 151, 152, 153, 154, 158
Canto coral 62, 63, 64, 65, 67, 68
Catálogo de obras 20
Caxias 121, 122, 123, 124, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138
Chucu-Chucu 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120
Cumbia 108, 109, 110, 115, 117, 118, 119, 120

D

Digital oratorio 1, 2, 9, 13, 16, 18
Ditadura militar 1, 29, 31, 36, 43
Documentos musicais 121, 133, 134, 135

E

Eletroacústica mista para voz e eletrônica 20, 23
Erotização das relações de gênero 29, 31
Escuta 20, 22, 23, 25, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 163

F

Feminismo 30, 46, 50, 52, 125

Fernanda Aoki Navarro 46, 47, 49, 52

Folclor 108, 110

Francesco Geminiani 77, 79, 86, 89

G

Gosto 35, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 97

Gramani 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149

Guia de escuta 20, 23, 25

I

Identidade Cultural 159

Inclusão Social 62, 63, 64

Intermedia 1, 5, 6, 11, 12, 14, 18

J

Jazz 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 133, 170

Jazz band 94, 95, 96, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105

L

Liturgia 126, 150

M

Maranhão 121, 122, 123, 126, 128, 134, 135, 136, 137, 138

Mídias portáteis 54, 55, 56, 58, 59, 60

Mulheres e políticas do corpo 29

Música 1, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 60, 61, 62, 64, 65, 68, 69, 70, 71, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 148, 150, 151, 152, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170

Música brasileira 20, 23, 24, 64, 68, 69, 102, 125, 126, 143, 161

Música brasileira contemporânea 20, 23, 24

Música colombiana 108

Música eletrovocal 20, 23, 26, 27, 28

Música popular 29, 30, 31, 32, 34, 37, 38, 40, 43, 44, 94, 95, 106, 108, 117, 118, 140, 141, 170

Música popular brasileira 29, 30, 32, 34, 40, 43, 106, 140, 170

Música pós-tonal 69, 70, 75

Musicologia Feminista 46

Musicologia histórica 121, 125, 136

O

Ostinato 71, 72, 73, 139, 143, 144, 145

R

Repertório da viola 87

Rítmica Aditiva 139, 141

S

Sarcasmo 46, 50, 52

Sisyphus 1, 15, 16, 17, 18

Smartphones 54, 55, 58, 59

Solidão 54, 58, 59

T

Tecnologia 1, 21, 23, 27, 44, 54, 58, 136

Teoria 30, 42, 69, 70, 71, 76, 125, 134, 141, 149

Time line 139, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148

Torture 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 17, 18

Transatlântico 94, 95, 98, 105

Transformações Sociais 159, 164

Tratadística 77

V

Viola 2, 12, 22, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 128

Voz como modelo 87



**EDITORIA
ARTEMIS
2020**